

Obstáculos no caminho de uma verdadeira ciência do social

Custou estudar-se o homem. No caminho de uma ciência do social, levantou-se, a princípio, e continua a existir já durante longo período de tempo, um obstáculo quase intransponível, ou seja, o *próprio homem*.

Por muitos séculos, não quis, a não ser de uma maneira bem limitada, estudar-se a si mesmo, preferindo, em vez disso, começar longe de si, isto é, com as estrêlas, passando, mais tarde, a estudar os fenômenos físicos e químicos de seu próprio planêta, chegando, depois, à biologia, mais perto ainda, e então, muito apreensivo e com grande hesitação, e contra uma forte resistência, à sua própria mentalidade e costumes. Aliás, a não ser para uma pequena minoria de pessoas ainda é difícil o estudar-se a si mesmo e os seus costumes, com realismo e imparcialidade, sem vacilar e sem emoção, como se se tratasse de entomologistas e estudar o comportamento de borboletas.

Assim, o primeiro obstáculo no caminho do estudo do homem sempre foi, e ainda continua a ser, a própria vontade, séria e não facilmente desviada, de estudar os fenômenos da própria vida.

Outra necessidade no estudo do homem, de uma maneira acurada e proveitosa, é despir-se daquela tendência bem humana — mas nem por isso infeliz — de generalizar-se apressadamente sobre os fenômenos, antes de com êles obter a devida familiaridade.

Nesta altura, seria útil lembrar a diferença entre os dois tipos de informação, ou sejam, de um lado, a íntima familiaridade com o fenômeno em aprêço, e, do outro, os conhecimentos formais a respeito dêle, distinção essa sobre cuja importância fomos avisados, há tempos, por sábios eminentes. Os conhecimentos formais são o alvo da ciência, não há dúvida; mas a íntima familiaridade com o referente é o único meio para obtê-lo com acêrto.

Porém, há a tendência bem generalizada para superestimar os conhecimentos correntes a respeito de cada fenômeno social e a negligenciar a procura de íntima familiaridade com êle; e mesmo a menosprezar o valor da busca de dados concretos, no mundo real. Contudo, esta busca deve ser empreendida, propositada e seriamente, com dedicação e perseverança, se se quer ser bem sucedido ao estudar o homem.

Assim, ouve-se e lê-se muito a respeito de fenômenos sociais, mesmo da parte de pessoas bem competentes, sérias, estudiosas, e que empregam a lógica com brilhantismo; muito se fala e se escreve que, apesar disso, é impreciso, inexato, em que se pronunciam apenas meias verdades ou mesmo nenhuma, sendo, por esta razão, de limitado valor, quanto a construir uma verdadeira ciência do homem.

Por exemplo, fala-se e escreve-se, demasiadas vêzes, sobre a delinqüência juvenil, sem antes se estudar, pormenorizadamente e com a devida atenção, casos de deliçüentes juvenis; fala-se e escreve-se a respeito da desintegração de famílias, sobre o abandono do lar e divórcio, sem antes se estudar, com a devida atenção, casos de famílias, tanto das que estão em equilíbrio, quanto das em desorganização, a fim de se comparar umas com as outras; fala-se e escreve-se sobre a inflação, sem antes se estudar, pormenorizadamente e com dedicação, casos individuais de inflação, no passado do país em aprêço ou de outros lugares; fala-se e escreve-se a respeito de meios para melhorar a vida, sem se dedicar antes ao seu estudo, com realismo e sem mêdo, num mundo real e não apenas no de idéias — especialmente as que vêm de um ou mais séculos atrás e que se tornam agora fixas e imutáveis, mantidas como se fôssem artigos de fé; sem se estudar cuidadosa e minuciosamente meios de organizar a vida, a fim de se desenvolver, depois, os que mais se coadunam com a realidade, com os verdadeiros interesses e possibilidades do homem, meios êstes que lhe forneçam o mais alto nível de vida que poderia ser obtido e isso sem prejudicar a sua dignidade como pessoa. Sem a devida familiaridade com o fe-

nômeno em questão, qualquer que êle seja, carecem de muito valor, do ponto-de-vista científico, os conhecimentos a seu respeito.

Outro pré-requisito, então, para estudar o homem, com o devido proveito e acêrto, é ir-se buscar, num mundo real, uma maior e mais larga familiaridade com homens, mulheres e crianças, como êles verdadeiramente são, como agem e reagem nas suas vidas quotidianas; e isto, como dissemos, num mundo verdadeiro e não apenas imaginado ou suposto, ou limitado e parcial, que se conhece através de certas pessoas já conhecidas ou com as quais se vive em contato diário, ou das quais tem-se ouvido falar, não se sabe com que grau de certeza.

Dêste ponto-de-vista, torna-se claro que outro pré-requisito para estudar o homem, de uma maneira acurada e duradoura, é desenvolver ainda outra vontade, ou seja, a de submeter a prova, no mundo verdadeiro, sempre e em tôda a parte, qualquer generalização a respeito do homem e sua vida, a fim de ser esta generalização confirmada, modificada ou abandonada, à luz da realidade. Fracassam, às vêzes, esforços sérios e bem intencionados, para construir uma ciência do homem, partindo de estudiosos de outra maneira bem competentes, porque se tende a superestimar os processos lógicos e mesmo a substituí-los à necessidade imprescindível, de pôr a prova, no mundo real, tôda e qualquer generalização baseada em observações anteriores.

Os processos lógicos têm o seu lugar próprio na ciência, não há dúvida. Entram em jôgo, de uma maneira legítima e, de fato, bem útil, quando há necessidade de articular novas descobertas com o corpo de conhecimentos já provados. Demasiadas vêzes, porém, substitui-se a procura de dados, no mundo exterior ao gabinete e à aula — procura essa da qual não se pode escapar se se quiser construir uma acurada ciência do homem —, substitui-se isso por um esforço de verificação unicamente através de lógica. Surgem, então, brilhantes discursos, interessantes análises e sínteses, com raciocínio “hermético”, por assim dizer, a harmoniosa articulação de idéias que já foram conseguidas — e isso impressiona muita gente. Contudo, os resultados finais são imprecisos e, às vêzes perigosos, porque, no intervalo, foram capazes de iludir muitas pessoas inteligentes e de boa fé, para, afinal, depois de atrapalhar muito, afo-garem-se num mar de dúvidas e desilusões.

Demoramos um pouco nestas considerações porque elas passam por demais dêspercebidas aos olhos de pessoas bem competentes e, em outros aspectos, de larga visão. Esquemas lógicos, argumentação aguda, a articulação de idéias, têm, sem dúvida, seu lugar legítimo e útil; mas não devem, por esta razão, substituir a outra imperiosa necessidade, isto é, a de se pôr a prova, num mundo verdadeiro, “sujo” e “limpo”, de um vai-e-vem quotidiano, tan-

to de heroísmo como de vergonha, tanto de mártires como de pecadores, se se quiser construir uma verdadeira ciência do homem; isto é, pôr-se a prova, sem medo e sem a mais leve hesitação, sempre e em tôda a parte, tôda e qualquer generalização sôbre o homem e seus afazeres, sôbre a família e grupo de parentesco a que êle pertence, sôbre os seus sistemas ecológico, econômico, político e sociológico, bem como outras partes da sua cultura, sôbre os seus hábitos, idéias, atitudes, sentimentos, filosofias de vida e pontos-de-vista — enfim sôbre todo o social.

Qualquer que seja a generalização, então, seja pequena ou grande, velha ou nova, sôbre um assunto de limitada projeção ou de larga amplitude e longo alcance; qualquer que seja a generalização, deve lembrar-se a inevitável necessidade, em qualquer época ou lugar, de ser ela sempre sujeita a prova, no mundo real, a fim de ser verificada, se possível; ou, então, modificada naquilo que mostrar-se necessário; ou mesmo abandonada, completamente e para sempre, juntando-se aos outros “ossos brancos”, por assim dizer, que se espalham pelo caminho de cada ciência, seja física, seja social, à medida em que amadurece.

E além disso, antes de levar a efeito as devidas pesquisas sôbre a vida do homem, devemos reconhecer que existe no espírito de todos — inclusive do próprio investigador — outra tendência bem humana, ou seja, a das concepções mentais já existentes a influenciarem as observações que se fazem do fenômeno em questão. As idéias, atitudes e sentimentos do povo do próprio investigador tendem a entrar em jôgo no seu trabalho, influenciando, assim, constantemente e por tôda a parte, aquilo que se percebe. Tal situação se nos apresenta como o principal problema metodológico das ciências sociais, isto é, o de “viés” (*bias*).

Que quer dizer “viés”? É aquela distorção das observações da realidade, que se deve, em primeiro lugar, à íntima participação do observador, naquilo que se estuda, ou seja, na própria vida social, e em segundo lugar, devido à visão do observador quanto à realidade ser apenas parcial e não global, porque êle tem participado de só uma — ou apenas poucas — culturas; de só uma classe social e não todos; de só um — ou apenas poucos — grupos dentro desta classe e possuidores desta cultura; e de apenas uma entre várias épocas. Isto faz com que o investigador perceba os fenômenos sociais com visão limitada, circunscrita, como é, por suas estreitas experiências anteriores. Desde que a observação é um dos principais métodos de estudo quanto a qualquer fenômeno — inclusive do próprio homem e sua vida —, é êste “viés”, então, o “inimigo número 1”, por assim dizer, das ciências sociais.

Entre os primeiros pré-requisitos a serem lembrados pelo estudioso, pois — se quer que seus esforços para obter conhecimentos acurados sejam bem sucedidos; se quer conseguir informações

exatas com as quais pode-se construir uma acurada ciência do social — está a descobrir os seus próprios “viéses”; descobrir, antes de mais nada, que tem tal coisa enraizada no seu espírito e, então, descobrir em que ela consiste.

Depois de ter feito estas descobertas, depois de tornar-se, por outras palavras, cónscio destes “viéses”, deve dedicar-se a aprender a lidar com êles, tomando-se em conta, estudando sua influência sôbre a observação e modificando até ao máximo possível seus efeitos. Mesmo que seja isto bem difícil, o principiante nas ciências sociais tem que, desde já, aprender a fazê-lo. Pode ficar encorajado a êsse respeito, porque os verdadeiros cientistas já aprenderam a reduzir êste obstáculo, de tal maneira que, mesmo que não seja, nem nunca possa ser total, é bem menor do que era.

Uma das fontes dêste empecilho é o “etnocentrismo”. Que quer dizer isso? Etnocentrismo é produto natural — convém lembrar-se, antes de mais nada — da vida de cada ser humano. É a tendência para colocar o próprio grupo (ou grupos) dos quais a pessoa faz parte no centro de tudo; e de ver o mundo e o que nêle se passa, através dos “óculos coloridos”, por assim dizer, que ihe são fornecidos por êste grupo (ou grupos); para considerar os costumes dêste grupo (ou grupos) “naturais”, “certos” e mesmo “superiores”; e para considerar “engraçados”, “esquisitos”, “bizarros”, “anormais”, “errados”, “ininteligíveis”, “absurdos” e mesmo “ofensivos” ou “repugnantes” os costumes de outros grupos que diferem dos nossos. Em tudo isto, emprega-se o comportamento do “nosso grupo” como norma para avaliar o comportamento de todo o grupo alheio.

A função social do etnocentrismo — talvez convenha dizer, de passagem — é a de fortalecer os costumes do grupo em aprêço, e, ao mesmo tempo, de robustecer o contrôle dêles sôbre o indivíduo, contribuindo-se, assim, para a maior solidariedade do grupo.

Cada indivíduo, então, vivendo em certo lugar e em dada época, raramente, ou nunca, sente-se sob a necessidade de explicar os costumes do seu povo e do seu tempo; aliás, fica surpreendido, às vêzes chocado, ou mesmo revoltado, com o que considera peculiar e esquisito na vida de outros povos, pondo-se em dúvida e depreciando-os. Avalia-se a própria nação, bem como aquilo que nela se passa, a própria cidade ou aldeia, a própria família ou classe, a própria turma, clique, ou geração, como se fôsse o *centro de tudo*; e tôdas as demais nações, cidades, aldeias, famílias, classes, turmas, cliques e gerações tendem a ser julgadas com referência àquele centro de atenção.

Assim, os membros de cada grupo tentam a alimentar orgulho e vaidade quanto ao seu grupo, gabando-se de ser êle superior a todos os demais. Nos casos extremos, nascem, desta situação, epítetos injuriosos; por exemplo, “comedor-de-porco”, “incir-

cunciso", "gringo", "wop", "boche", "sapo", "greaser", "tagarela", etc. — todos termos de desprezo e aversão. Por causa de suas calças, como se sabe, os primeiros portugueses no Brasil eram chamados pelos indígenas por epíteto desprezível referente a certo pássaro com penas nos pés.

Aliás, é rica a Etnologia quanto a casos de etnocentrismo. Por exemplo, as pessoas de muitas tribos dão-se a si próprias o nome de "os Homens". Para elas, todo o resto do mundo é algo "não-humano". Quando os europeus perguntavam aos caraíba donde provinham, como William Graham Sumner nos fez lembrar, êstes responderam: "Só nós somos gente!" O significado do nome kiow era "gente principal ou de verdade". Os lapões intitulavam-se "os humanos" ou "a própria humanidade". Com referência aos primeiros europeus que foram para a Groenlândia, os esquimós pensavam que êles tinham chegado a fim de aprender a "boa educação" dos esquimós. O seu mais alto meio de louvar europeu era dizer que êle era, ou seria em breve, "tão bom como um esquimó". Os papua da Nova Guiné dividiam-se antigamente — situação essa que continua, em parte, até hoje — em pequenos grupos etnocêntricos, separados, cada um dos demais, não apenas em espaço como também por diferenças de língua, religião, interesse e pela hostilidade, caça-de-cabeças e canibalismo. Os mboya da América do Sul acreditavam que as suas divindades lhe tinham mandado viver fazendo a guerra aos outros povos, tomando-lhes suas mulheres e propriedades, e matando seus homens. Entre os povos mais notáveis pelo seu etnocentrismo estavam os antigos seri, da Baixa Califórnia, no México, que mantinham atitudes de suspeita e hostilidade para com todos os estranhos, e proibiam terminantemente — como, aliás tem acontecido no caso de muitos outros povos — o casamento fora da tribo.

Contudo, não é somente entre povos primitivos que existe etnocentrismo. Tal atitude caracteriza também, em medida muito ampla, os "civilizados". Os gregos e romanos chamavam de "bárbaros" os estranhos. Numa tragédia de Eurípides, Efigênia dizia que os gregos mereciam dominar os outros povos, porque eram livres, enquanto os "bárbaros" eram escravos. Na Idade Média, os árabes consideravam-se como os mais nobres "não-civilizados"; como, aliás, foram êles mesmo julgados pelos europeus na época, que guerreavam com êles. Em 1896, o Ministro de Educação do Império Chinês e seus conselheiros publicaram livro em que se lia: "Quão grande e glorioso é nosso Império! É não só o maior, como o mais rico do mundo. Os melhores homens da terra provêm dêle". Aliás, na literatura de tôdas as nações letradas encontram-se iguais afirmações, embora, usualmente, não sejam tão ingênuas.

Tomar em consideração esta tendência para os membros de cada grupo a utilizar as suas próprias idéias como normas para ava-

liar a vida dos demais esclarece, em grande parte, as relações atualmente existentes entre a geração mais velha e a mais jovem, em certas partes de vários países.

Sobretudo nas grandes cidades, cujo crescimento marcha em passos de gigante, os pais e filhos, em virtude da rapidez com que as recentes mudanças sociais estão tomando lugar, tendem a afastar-se uns dos outros, quanto à herança social, e, assim, a viver em "mundos mentais", por assim dizer, acentuadamente diversos um do outro. Tendem a julgar-se, reciprocamente, de acôrdo com os entendimentos comuns que caracterizam tanto o seu próprio grupo, quanto ao seu próprio "mundo mental", sendo extremamente difícil compreender o outro.

Ouve-se dizer, por exemplo: "O meu pai é de 1900; porém eu sou de hoje", ou coisa semelhante. Nas famílias de imigrantes, em vários países das Américas, onde os padrões culturais trazidos ao Nôvo Mundo pelos pais nascidos na Europa, Ásia, etc., estão em choque com aquêles do nôvo ambiente, os filhos tendem a participar, ao mesmo tempo, tanto da cultura do nôvo país que os rodeia, como da dos seus pais e, por conseguinte, onde êstes dois mundos divergem, a entrar em choque, cada vez mais, com os próprios pais, quanto a certos padrões de cultura dos seus progenitores. Tal situação — convém indicar de passagem — prepara muitas vêzes o "palco", por assim dizer, para a delinqüência juvenil, a desintegração de famílias e outros indícios de "desorganização social".

É o etnocentrismo obstáculo de tal envergadura, quanto ao desenvolvimento de atitudes científicas a respeito do homem, que é meu hábito, ao principiar um curso sôbre "Introdução à Antropologia Social", ou "Introdução à Sociologia", descrever e analisar, pormenorizadamente, êste fenômeno, a fim de ajudar os alunos a verem o mundo com maior realismo.

Contudo, não é apenas entre alunos, infelizmente, que se tem necessidade disso. Li há dias, por exemplo, monografia escrita por pessoa muito competente, ilustre, bem inteligente, aliás um cientista (embora seja mais do ramo físico do que do social), onde se revela, várias vêzes, especialmente quando descreve a vida de certo povo chamado "primitivo" que o autor da monografia conhecia, o etnocentrismo do próprio investigador. Como já disse, isso é muito natural. Pode-se dizer que o etnocentrismo é absolvido com leite materno.

Se o investigador nasceu em cidade grande, por exemplo, e lá tem passado tôda, ou quase tôda, a sua vida; e se êle quer estudar, com o devido proveito, a vida do homem de uma aldeia ou do campo do seu próprio país, tem que, antes de mais nada, despir-se do tipo de "viés", que vem da sua anterior vida de cidade

grande, abordando, em vez disso, o homem da aldeia ou do campo com a devida simpatia e compreensão, tratando tôda a sua vida como se fôsse a coisa mais natural do mundo, capaz de ser compreendida com boa vontade.

De maneira semelhante, tem o investigador europeu de agir, se quer estudar o homem de Angola, de Moçambique ou de Timor, com o devido proveito e exatidão; bem como o candidato a cientista, que vem de Angola, de Moçambique ou de Timor, querendo estudar o homem em outra parte do mundo, qualquer que seja. Tem que tornar-se cômico, antes de mais nada, do seu etnocentrismo e outros "viéses"; e a esforçar-se, com seriedade e dedicação, a reduzir ao mínimo possível os efeitos. De outra maneira, seus trabalhos, como os do homem da cidade quando está observando a vida do campo, podem sair deturpados e inexatos, e assim, de pouco valor, quanto à verdadeira ciência do homem.

Outro obstáculo no caminho de uma ciência do social — e trata-se aqui de um dos maiores obstáculos —, é a falta de um *problema central*, em torno do qual tanto os conhecimentos já conseguidos como as pesquisas para obter mais conhecimentos poderiam ser organizados. Esta falta de problema central faz dos atuais conhecimentos do homem — inclusive demasiadas vêzes, dos resultados de várias pesquisas — pouco mais que simples monte de dados avulsos e longe de um sistema; aglomeração quase caótica de pormenores desarticulados, muitas vêzes sem a devida relação lógica entre si, e, assim, do ponto-de-vista científico — qualquer que seja o seu valor prático — de pouco sentido.

Assim, outro pré-requisito para estudar o homem com o devido proveito é procurar descobrir, para cada ciência social — como, aliás, foi descoberta há muito tempo, para a ciência física —, um problema central. Nestes dias de "bandeirismo" nas ciências sociais, é importantíssimo que não somente sejam "afiados", por assim dizer, os métodos e técnicas a serem empregados nas pesquisas muito necessitadas, como também que os problemas levantados nelas sejam relacionados com um problema central da ciência em aprêço, à volta do qual possam girar e ser relacionados logicamente entre si.

Isto é de especial importância, desde que a espécie de problema de pesquisa que se levantam determinará aquilo a que o investigador prestará a sua atenção, aquilo do ambiente a que êle responde, por assim dizer. Trabalhando dentro de certa "armação" de idéias, êle não apenas pode ver, muito naturalmente, aquilo que mais se coaduna com tal armação, como também pode ser cego, muitas vêzes, quanto a outras coisas que, mais tarde se seja trabalhando dentro de outra "armação" de idéias, poderia facilmente perceber.

Por exemplo, antes de desenvolver-se no espírito de Charles Darwin uma concepção nova para a época em que vivia, passou-lhe despercebido, — bem como também a outros observadores — o significado dos vales esculpidos pela glaciação, embora a prova disso estivesse lá, durante muitos séculos, em plena vista de todos que passavam por aquêles lugares, esperando apenas a chegada de pessoa que fôsse possuída de concepção tal que lhe permitisse “abrir os olhos”, por assim falar, e perceber aquilo que lá estava desde há séculos para todo o mundo ver.

São, pois, os problemas que se levantam para a pesquisa que “sensibilizam”, por assim dizer, o investigador aos “fatos” que vai descobrir; “fatos” êsses que existem, muitas vêzes em quantidade, ao seu redor, mas negligenciados, não percebidos. Por conseguinte, problemas, e não métodos, são a *primeira* consideração para cada ciência.

Isto não quer dizer, é claro, que os métodos carecem de valor. Nada disso. São êles os nossos “instrumentos de trabalho”, sem os quais estaríamos desamparados, como marceneiro sem martelo, plaina, serra, nível ou outro instrumento de que necessita. Nas ciências sociais, não podemos dispensar da observação, seja ela “simples”, “planejada” ou “participante”; dos métodos de “estudos de caso”, comparativo e estatístico; das técnicas de entrevista, formulário, questionário e história-de-vida; e assim por diante. Ao lidar com um campo vasto e complexo como o do estudo do homem, precisa-se dêstes métodos e técnicas, lançando-se mão ora de um, ora de outro, de acôrdo com as necessidades do momento.

A principal consideração nisso, contudo, é ver que os métodos e técnicas dêem os resultados que se desejam, quanto ao descrever, analisar e explicar os fenômenos em questão; e quanto a permitir-nos, depois, comunicar a outras pessoas, tanto aquilo que foi descoberto, quanto o meio pelo qual chegou o investigador a êle, de modo que os métodos e técnicas possam ser empregados, de novo, por outro investigador que, mais tarde, vai repetir o procedimento, a fim de serem verificadas como certas e acuradas as generalizações anteriores, ou modificadas, se necessário, ou, então, abandonadas porque carecem de valor positivo.

Além da necessidade, então, de ter a vontade de estudar o homem, com realismo e sem hesitação; de tornar-se cômico do próprio etnocentrismo e outros “viéses” e tentar, sèriamente, lidar com êles de desenvolver a vontade de pôr a prova, no mundo real, tôda e qualquer generalização sôbre a realidade social; além dêstes pré-requisitos, há outro que é imprescindível para o estudo do homem, se êste quer ser bem sucedido. É descobrir um problema central, à volta de que possam ser articulados tanto os conhe-

cimentos anteriores conseguidos quanto aos problemas e procedimentos de pesquisa nova, bem como as descobertas providenciadas por tais investigações. Por outras palavras, aprender a pôr em primeiro lugar aquilo que deve marchar na dianteira.

DONALD PIERSON

N.R. — Conferência inédita pronunciada no Instituto Superior da Ciências Sociais e Política Ultramarina, de Lisboa.